

## UMA ANÁLISE SOBRE *MÃE SÓ HÁ UMA E QUE HORAS ELA VOLTA?* PARA PENSAR A MATERNIDADE

Ana Carolina Logello Gomes  
(UNIRIO)

### RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma discussão sobre relações de maternidade e maternagem na obra da cineasta Anna Muylaert, que, até o momento, abordou o tema em todos os seus filmes. A diretora também é mãe de dois filhos, e sua performance de maternidade e maternagem ocorreu paralelamente à produção de seus filmes. Neste estudo, analisamos seus dois filmes mais conhecidos: *Mãe Só Há Uma* (2016) e *Que Horas Ela Volta?* (2015). Para a abordagem teórica do tema, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, adotando-se como principais referências o livro *O mito do amor materno*, de Elizabeth Badinter, e o artigo “Maternidade versus Maternagem: reflexões jurídicas sobre o direito da mulher de entregar o filho à adoção”, de Maria Luiza Ramos Vieira Santos.

**Palavras-chave:** Maternidade; Maternagem; Anna Muylaert

“Para de me chamar de Filho” – Pierre

“Você não é minha mãe, Sandra que me criou” – Jessica

Pierre e Jessica são personagens fictícios de filmes distintos da cineasta Anna Muylaert. Pierre encontra-se no filme *Mãe Só Há Uma* (2016), que foi produzido paralelamente ao filme em que Jessica aparece: *Que Horas Ela Volta?* (2015). Partirei, então, destas duas obras para traçar uma discussão sobre maternidade e maternagem.

*Mãe Só Há Uma* conta a história de Pierre, um adolescente que aos 17 anos descobre que foi sequestrado no hospital por quem, até então, ele acreditava ser sua mãe biológica. Esta mulher vai presa. A família biológica passa então a reivindicar de Pierre, que para eles é Felipe, o laço familiar perdido em todo esse tempo. Paralelamente a isso Pierre vive também a descoberta de sua identidade de gênero.

*Que Hora Ela Volta?* conta a história de Val, uma empregada doméstica que deixou sua filha, Jessica, no nordeste (o estado não é especificado), para trabalhar em São Paulo. Elas se reencontram depois de 10 anos, quando Jessica, agora adolescente, decide ir para São Paulo prestar vestibular. Val mora no serviço, portanto a estadia de sua filha em São Paulo ocorre na casa dos patrões da mãe.

Anna Muylaert é formada em cinema na Escola de Comunicação e Artes da USP, e enfrentou questões sociais ao se colocar no cenário de produção audiovisual com estes filmes. *Que horas ela volta?* teve um lançamento polêmico. Não apenas por sua temática, mas também por ter sido realizado por uma mulher. É o que afirma Milton Ribeiro.

O filme “Que horas ela volta?” foi lançado em meio a polêmicas, em setembro deste ano. E elas não eram direcionadas ao filme em si, mas à presença de uma mulher nos postos de maiores prestígios do cinema brasileiro. Os postos de diretora e roteirista. Ou seja, a principal idealizadora de uma película fílmica, artigo cada vez mais em disputa no cenário do audiovisual, realizava uma produção boa para pensar, que já no lançamento nacional gozava boas referências internacionalmente, em Sundance (EUA) e em Berlim (Alemanha), por exemplo. (RIBEIRO, 2012, p.275)

Érica Sarmet e Marina Cavalcante (2018) dizem que no lançamento desse mesmo filme, em Recife, dois cineastas, Cláudio Assis e Lírio Ferreira, conhecidos de Anna Muylaert, a interromperam diversas vezes durante sua fala. A situação reverberou tanto nas redes sociais quanto na mídia tradicional, até mesmo pelo evidente desconforto da diretora. Sarmet e Cavalcante ressaltam também que ela, mesmo tendo em maior parte de sua produção mulheres, diz não ter tido intenção de fazer uma obra feminista. Porém, após os ocorridos no lançamento, começou a se atentar a esta problemática e foi estudar mais sobre feminismo. Portanto, apesar de *Mãe Só Há Uma* abordar questões de gênero, sabe-se que ainda fora produzido em um período em que a diretora não estava tão atenta à questão de produções feministas. Atualmente Anna Muylaert é engajada com o movimento feminista e aborda o tema nas entrevistas que concede.

Em entrevista para o Canal Brasil, enquanto realizava as filmagens de *Mãe Só Há Uma*, Anna Muylaert afirma que todos os filmes que ela realizou abordavam a maternidade. Até então este foi o último filme, dirigido por ela, lançado. Destaco também que Anna é mãe de dois filhos, Joaquim e José. Logo, a sua performance de maternidade e maternagem ocorriam paralelamente à realização de seus filmes. Sendo estes: *A Origem dos Bebês Segundo Kiki Cavalcante* (1995), *Durval Discos* (2002), *É Proibido Fumar* (2009) e *Chamada a Cobrar* (2012). Participou também do Festival do Minuto em 1996 com *O Primeiro Minuto de José*, no qual mostra seu filho, José, recém-nascido.

Anna Muylaert ocupa, portanto, um lugar raro na sociedade brasileira. Não só por ser uma mulher diretora de destaque, como também por ser uma mãe diretora

de destaque. Apesar de esse cenário estar mudando, a mudança é lenta e o mercado audiovisual ainda apresenta uma diferença de gênero proporcionalmente alta. Em “Mulheres no Cinema Brasileiro” os autores (Paula Alves, José Alves e Denise Silva) apresentam uma tabela sobre esse cenário. A tabela mostra a porcentagem de mulheres ocupando as funções de Direção, Roteiro, Produção e Fotografia entre 1960 e 2010.

Décadas						
Função	1961-1970	1971-1980	1981-1990	1991-2000	2001-2010	Total
Direção	0,68	1,77	3,27	11,35	15,37	6,87
Roteiro	0,68	2,43	3,60	9,51	13,78	6,48
Produção*	0,68	2,77	4,17	13,50	23,71	9,99
Fotografia**	0,00	0,33	0,45	0,00	3,19	1,13

Observa-se que, mesmo com um considerável avanço nas cinco décadas compreendidas entre 1960 e 2010, todas as posições ainda são ocupadas majoritariamente por homens, com pouco espaço para a atuação feminina. Destaco o posto de maior prestígio no cinema (direção), que mesmo com avanços continuou tendo mais de 80% de ocupação masculina entre 2001 e 2010.

Porém, essa discussão acerca do ainda restrito espaço ocupado por mulheres ultrapassa o limite do audiovisual; a baixa ocupação feminina pode ser observada em todo meio artístico e também em outras áreas e profissões, um reflexo evidente de uma sociedade patriarcal que desvaloriza mulheres no mercado de trabalho. Em maio de 2019, a escritora e tradutora Aloma Rodríguez publicou “Ter filhos ou escrever livros? Escritoras que refletiram sobre a maternidade” para o EL PAÍS. No artigo, observa-se como as mulheres escritoras levantam questionamentos que chegam até elas, mas que não chegam aos escritores homens.

Uma postura intermediária foi adotada por Laura Sandler em um provocador artigo publicado em 2013 pela revista *The Atlantic*. Intitulado *O Segredo de Ser Uma Escritora de Sucesso e Mãe: Ter Só Um Filho*, aquele texto desatou uma polêmica da qual participou, entre outras, Zadie Smith. Sandler se baseava na resposta da artista Alice Walker à pergunta sobre se criadoras devem ter filhos: “Devem ter filhos – supondo-se que desejem –, mas só um. Com um você consegue se movimentar. Com mais você é como uma pata choca”. Sandler observa que Walker teve um só filho, como Susan Sontag, Elizabeth Hardwick, Joan Didion e Margaret Atwood. Zadie Smith respondeu: “Tenho dois filhos. Dickens teve 10 – e acho que Tolstói também. Alguém se preocupou em algum momento se esses homens eram pais demais para serem escritores?”. O que incomodou Smith foi a sugestão de que ter filhos diminui a criatividade: “A simples ideia de que a maternidade seja obrigatoriamente uma ameaça para a criatividade é totalmente absurda. (RODRÍGUEZ, 2019)

As questões levantadas no artigo de Rodríguez evidenciam o quanto a criação dos filhos pesa mais sobre as mulheres do que sobre os homens, pois a paternidade não parece impactar suas vidas profissionais, do mesmo modo que a maternidade impacta.

No âmbito jurídico as palavras “maternidade” e “maternagem” são usadas para diferenciar a ligação materna biológica da ligação materna por criação. Sendo maternidade a ligação sanguínea materna e maternagem a ligação materna de quem performa a mãe de acordo com a construção social do que se entende como mãe no Brasil. A defensora pública Maria Luiza Santos faz essa distinção em seu artigo “Maternidade versus Maternagem: reflexões jurídicas sobre o direito da mulher de entregar o filho à adoção”.

Dessa feita, é possível afirmar que ser mãe é uma opção e, por que não dizer, condição física a qual quase toda mulher é passível de sofrer. Já a maternagem consiste em um desejo natural de cuidar tanto das mulheres como, também, dos homens. Por isso, não ser possível, também, tratar o referido tema a partir de conceitos biológico ou de gênero. (SANTOS, 2016, p.14)

Nos filmes citados, há uma evidente discussão acerca destes dois conceitos, mesmo que os termos não apareçam diretamente. Jessica e Pierre têm vivências semelhantes. Ambos se deparam, na adolescência, com uma mulher reivindicando seu lugar de maternidade, mesmo que esta não tenha sido quem exerceu a maternagem em suas vidas. As histórias e os motivos da não performance materna dessas duas mães biológicas são bem distintas. Porém, também se aproximam principalmente no afeto. Fica bastante evidente ao longo dos filmes o quanto estas duas mães sofreram com essa ausência e o quanto, também, não se sentem “menos mãe” quando se encontram com seus filhos e voltam então a viver com eles.

No entanto, estas não são as únicas visões sobre a performance de mãe que os filmes abordam. Em *Que Horas Ela Volta?* a personagem Val performa um papel de maternagem com Fabinho, o filho de seus patrões. A personagem Bárbara, mãe biológica de Fabinho, apesar de presente fisicamente com o menino, se faz muito ausente no lugar do afeto. É a Val que Fabinho recorre quando sente alguma carência. Contudo, Bárbara também reivindica do filho biológico o seu

reconhecimento enquanto mãe. Há cenas em que a mesma diz “Eu que sou sua mãe” e até mesmo “A Val pode te abraçar e eu não”.

A relação de Val com Fabinho pode ser comparada com as relações que famílias afortunadas tinham com as amas de leite, o que Elisabeth Badinter aborda em seu livro *Um amor Conquistado: O mito do amor materno*. Ela trata o amor materno como algo que se constrói no afeto, na proximidade. E trata essa terceirização da amamentação como um possível sinal de que mesmo nos séculos passados já havia uma frieza com relação ao amor materno, o que até hoje é um assunto considerado tabu.

Se podemos admitir que a entrega da criança a uma ama-de-leite tenha sido, para algumas mães, uma prova de amor ao filho, podemos legitimamente duvidar de que o mesmo tenha ocorrido em todos os casos. O fato de todas as classes da sociedade urbana — mesmo nas pequenas cidades, menos "empesteadas" que as grandes — terem utilizado os serviços de amas mercenárias e aceitado longas separações dos seus bebês parece-me que deve ser interpretado de outra maneira. (BADINTER, 1980, P.12)

A terceirização do cuidado materno também aparece no filme de Anna Muylaert. Val ocupa um papel nessa família com muitos aspectos de relações coloniais entre patrões e prestadores de serviços. Porém Val diz em certos momentos do filme que está nessa situação pra poder proporcionar o melhor para a filha. Em um momento conversando com a jovem, a mesma diz que Sandra, a tia que criou Jessica, “ficou com a parte boa” ao se referir sobre o papel de mãe.

Em *Mãe só Há Uma* essa busca pelo afeto na figura não biológica também aparece. Quando a mãe que o criou vai presa, Pierre fica sob os cuidados de uma tia, que é prima de seu pai de criação, já falecido. Essa tia é quem ocupa o papel de maternagem nesse momento conturbado na vida do adolescente. E em um certo momento do filme, em que o mesmo se encontra abalado com toda a situação, é a ela que ele recorre para um abraço, um conforto.

Importante ressaltar que o movimento de Val em *Que Horas Ela Volta?* de deixar sua filha no nordeste para trabalhar no sudeste não é um movimento atípico. É algo recorrente na sociedade brasileira. O eixo Rio-São Paulo concentra grandes polos econômicos, portanto esse movimento migratório ainda ocorre bastante. Logo, no mesmo filme a história se repete com Jessica, que também deixa seu filho, Jorge, no nordeste e vai prestar vestibular em São Paulo. Segundo o Conselho Nacional de Arquitetura do Brasil, a FAU – USP, faculdade para qual Jessica presta vestibular, está entre as 40 melhores faculdades de arquitetura do mundo.

Jorge só aparece no filme através de uma foto, a qual dá a entender que o menino foi deixado no nordeste ainda mais novo do que Jessica fora. Não é explicado com quem o menino ficou. Cabe ressaltar que aqui vemos uma evidente questão sobre mãe solo. No final do filme, Val diz para Jessica ir buscar o filho, para morar com elas, pois ela irá cuidar do menino. Ou seja, a figura da paternidade não aparece.

A ausência paterna é algo muito frequente no Brasil, realidade que levou o Conselho Nacional de Justiça a criar, em 2010, o programa Pai Presente, que segue ativo até hoje. O programa tem como objetivo o aumento do reconhecimento da paternidade em cartório. Por conta do programa, em 2011, o Censo Escolar passou a registrar quantas crianças não tinham registro paterno. O resultado obtido foi de 5,5 milhões. O projeto representa um passo importante para uma mudança deste cenário e vem apresentando resultados positivos. Porém, evidencio que o abandono paternal é uma realidade, no Brasil, que transcende os registros em cartório. Há muitos filhos que carregam o nome dos pais em sua certidão e mesmo assim são criados por mães solas.

Anna Muylaert também constrói uma crítica social sobre classes em *Mãe só Há Uma*. Isso se observa na diferença entre a família biológica de Pierre e a família que o sequestrou, sendo a primeira de classe média alta e a segunda classe média baixa. Em entrevista para o canal no Youtube “Canal das Bee”, Anna Muylaert diz que retratou propositalmente a família de classe média alta como muito mais tolhida e conservadora do que a de classe mais baixa. Isso fica evidente na forma como as duas famílias tratam a performance de gênero de Pierre. Pierre é uma personagem que rompe com a binariedade de gênero, se aproximando de uma construção *queer*. E essa forma de se comportar não é colocada em nenhum momento pela família que o criou como um problema, já para a família biológica, sim.

Destaco que, mesmo com toda diferença entre essas duas mães de Pierre, Anna Muylaert optou por literalmente fazer um jogo com o nome do filme *Mãe Só Há Uma* ao escolher a mesma atriz para interpretar as duas mães. Porém com um grande trabalho de caracterização, tornando quase impossível, ao espectador, perceber que é a mesma pessoa interpretando as duas personagens. Em entrevista para o canal no Youtube “Os Geeks”, Daniela Nefussi, a atriz que interpreta estas mães, diz que o que as une é o amor por Pierre.

Concluo, portanto, trazendo novamente Badinter e suas reflexões sobre a ideia de amor materno, pois, além de discutir a intensidade desse sentimento, ela discute a possibilidade de ele não existir. A autora afirma que há um tabu e uma dificuldade em considerar essa possibilidade por ser algo que nos toca de maneira amedrontadora.

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou o quase nada. Convictos de que a boa mãe é uma realidade entre outras, partimos à procura das diferentes faces da maternidade, mesmo as que hoje são rejeitadas, provavelmente porque nos amedrontam. (BADINTER, 1980, p. 24)

Nos filmes aqui trabalhados todas essas mulheres que performam a maternidade, performam também, de alguma maneira, a ideia de amor materno, dadas as intensidades destacadas por Badinter. É importante destacar que a escolha de vivenciar ou não a maternidade é um ato político e me parece que o grande tabu em questionar o amor materno atravessa a questão social do que se entende como o “lugar da mulher” na sociedade patriarcal, o lugar da reprodução. O lugar de quem fica em casa cuidando da família, enquanto o homem sai para trabalhar. Logo, a mulher que nega esse sentimento nega também o lugar social que lhe é imposto.

Maria Luiza Santos (2016) mostra que juridicamente o direito das mulheres de não ser mãe vem ganhando força. A autora destaca, por exemplo, que há leis que protegem mulheres que, na maternidade, escolhem dar seus filhos para adoção sem ter o menor contato com eles. Estas são protegidas judicialmente de qualquer constrangimento e humilhação. O que representa um grande ganho para que ocorra uma mudança social em que estas não sofram constrangimento, em qualquer esfera, por sua escolha. Vemos, portanto, que as discussões sobre maternidade estão longe de terminar, mas que estão caminhando para um lugar de maior respeito com esse corpo que gera.

## REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS:

ALVES, Paula; ALVES, José Eustáquio Diniz; DO NASCIMENTO SILVA, Denise Britz. Mulheres no Cinema Brasileiro. **Caderno Espaço Feminino**, v. 24, n. 2, 2011.

BADINTER, Elisabeth. O mito do amor materno: Um amor conquistado. **Rio de Janeiro: Nova Fronteira**, 1985.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade. 2018.

CANAL DAS BEE. **Mãe Só Há Uma**. 2016 (07m07s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iCcsRtAMPEM&t=1s>>. Acesso em: 14/07/2020.

DE ARAÚJO, Karla Holanda; TEDESCO, Marina Cavalcanti. **Feminino e plural: Mulheres no cinema brasileiro**. Papyrus Editora, 2018.

MÃE só há uma. Direção de Anna Muylaert. Brasil: **Vitrine Filmes**, 1 DVD 2016. (82 min.), son., color.

MOLLICA, Kiko. **Bastidores de MÃE SÓ HÁ UMA**. 2019 (08m06s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x2Sugnlgsx4>>. Acesso em: 14/07/2020.

OS GEEKS, **Cabine do filme: "Mãe só Há Uma" / Entrevistas**. 2016. (13m02s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gdotkODaxiM>>. Acesso em: 14/07/2020.

**Programa Pai Presente completa cinco anos e se consolida no país**. JusBrasil, 2015. Disponível em: <<https://cnj.jusbrasil.com.br/noticias/217338817/programa-pai-presente-completa-cinco-anos-e-se-consolida-no-pais>>. Acesso em: 14/07/2020.

QUE horas ela volta?. Direção de Anna Muylaert. Brasil: **Pandora Filmes**, 1 DVD 2015. (112 min.), son., color.

RIBEIRO, Milton. De limites e disposições: ou sobre como podemos pensar o Brasil a partir do filme "Que horas ela volta?". **Revista Visagem: Antropologia Visual da Imagem**, Belém, v. 1, n. 2, p. 275-281, 2015.

RODRÍGUEZ, Aloma. **Ter filhos ou escrever livros? Escritoras que refletiram sobre a maternidade**. EL PAÍS, 2019. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/02/cultura/1556793186\\_130621.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/02/cultura/1556793186_130621.html)>. Acesso em: 14/07/2020.

SANTOS, Maria Luiza Ramos Vieira. Maternidade versus Maternagem: reflexões jurídicas sobre o direito da mulher de entregar o filho à adoção. **Revista Videre**, v. 8, n. 16, p. 11-21, 2016.